

## Uma elegante esperança

**Q**uase ao final de seu romance *O nome da rosa*, Umberto Eco<sup>1</sup> deixa falar o guardião da biblioteca medieval, local onde a trama se desenvolve:

*...Mas de nosso trabalho, do trabalho de nossa ordem e em particular do trabalho deste mosteiro faz parte - aliás é a sua substância - o estudo e a custódia do saber. A custódia digo, não a busca, porque é próprio do saber, coisa divina, ser completo e definido desde o início, na perfeição do verbo que exprime a si mesmo. A custódia, digo, não a busca, porque é próprio do saber, coisa humana ter sido definido e completado no arco dos séculos que vai desde a pregação dos profetas à interpretação dos padres da igreja. Não há progresso, não há revolução de períodos na história do saber, mas, no máximo, continua a sublimar a recapitulação."*

É legítimo acreditar que o dogma medieval do saber estocado, que não pode gerar conhecimento, através do trabalho de seus guardiões, perdurará até os nossos dias?

Neste caso, objeto da informação e do seu estudo será unicamente o de promover a custódia, e só a custódia do saber armazenado, mediante sua organização e controle. E, se assim for, estas atividades de guarda e controle do estoque de informação se reduzem a processos técnicos, que não justificam uma reflexão em nível de pesquisa e estudos de pós-graduação.

Contudo, se o objeto da ciência da informação for entendido, como indo além das restrições medievais e incluindo não só a guarda do saber acumulado, mas, também o seu direcionamento programado com a intenção de se criar conhecimento, então existe um espaço fértil para refletir a percepção da informação como fenômeno que modifica realidades.

É compreensível, neste caso, que grupos de indivíduos se dediquem à pesquisa e ao ensino da informação, seus estoques e o seu relacionamento com o conhecimento, adicionando e modificando os estoques de saber, os quais não podem mais ser considerados como "contínua e sublime recapitulação", tornam-se crescentes, modificados e modificadores de estruturas.

A produção ou geração do conhecimento em indivíduos, grupos de indivíduos, empresas e a sociedade é o fenômeno essencial em um processo de produção e transferência da informação.

Neste sentido, qualquer unidade de informação, trabalhando com o gerenciamento, organização, controle e transferência da informação possui duas funções básicas e um destino final.

A primeira função é definida como a produção de informação, que se operacionalizada com práticas bem definidas, apoiadas em um processo de transformação, que lhe é específico, que se orienta por uma racionalidade técnica, que lhe é específico; estas práticas são representadas por atividades relacionadas com a reunião, a seleção, o processamento e o armazenamento da informação, por exemplo. A produção de informação se acumula continuamente para formar os estoques de informação, que são quantidades estáticas de informação armazenadas em acervos em geral, de bibliotecas, de arquivos, de museus, de bases de dados, de redes ou de sistemas de informação. Os estoques estáticos de informação são indispensáveis no processo de geração de conhecimento. Mas, por si só, efetivam este processo.

A produção ou geração de conhecimento (no indivíduo, seu grupo ou a sociedade) ocorre em um processo mais amplo, intermediado pela segunda função, que atribuímos a qualquer unidade de informação, que é a função de transferência da informação.

A assimilação da informação é a finalização de um processo de aceitação da informação que transcende o uso da informação.

A assimilação da informação cria conhecimento no indivíduo (receptor) e em sua ambiência. Este é o destino final do fenômeno da informação: criar conhecimento modificador e inovador do indivíduo e do seu contexto. Conhecimento, que referencie tanto o indivíduo como seu contexto a um melhor estágio de desenvolvimento.

Contudo, o indivíduo e seu contexto não são homogêneos como o é o tratamento técnico, que opera a formação dos estoques de informação. A realidade onde se pretende que a informação atue para gerar conhecimento é fragmentada em suas condições políticas, económicas e culturais. Os habitantes desta realidade são multifacetados em suas competências para absorver a informação, diferenciando-se, por exemplo, em aspectos como grau de instrução, nível de renda, acesso aos códigos formais de representação simbólica, acesso e confiança nos canais de transferência da informação, estoque pessoal de conhecimento acumulado, dentro das diferentes realidades informacionais e competência na decodificação e utilização do código linguístico comum.

Harmonizar o estoque de informação produzida e disponível na sociedade, com a sua transferência visando à assimilação que gera conhecimento, é a intenção maior de todos aqueles que trabalham com a informação, particularmente a informação em ciência e tecnologia. É também uma preocupação de todos aqueles que lidam com o ensino e a pesquisa em ciência da informação.

## **UMA BREVE HISTÓRIA NO TEMPO**

A preocupação com o ensino na área de ciência da informação, no

IBICT, começou em 1956, dois anos após a fundação do então IBBD (Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação). Naquele ano, foi oferecido um curso de especialização de pesquisa bibliográfica para a área de ciências médicas. O curso de especialização transformou-se no Curso de Documentação Científica (CDC), hoje sendo oferecido há mais de 35 anos consecutivamente.

O curso de mestrado em ciência da informação teve seu início em 1970, refletindo a preocupação européia e americana com a formação de recursos humanos para lidar com a excessiva produção de informação científica e tecnológica surgida na ambiência do pós-guerra. Foi o início da conscientização, no Brasil, para a necessidade de organizar controlar a informação como uma ferramenta para o próprio desenvolvimento da ciência e da tecnologia.

A estrutura do mestrado passou por três fases bem definidas. A primeira, de 1970 a 1983, quando a maioria das disciplinas eram obrigatórias para os alunos e o conteúdo curricular predominantemente instrumental; o foco estava dirigido para o interior dos sistemas da armazenamento e recuperação da informação e suas práticas operacionais. No período de 1983 até 1992, o curso de mestrado, já como uma unidade do Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, adotou uma estrutura mais flexível de três disciplinas obrigatórias, em que cada estudante, com seu orientador, montava seu programa de estudo diferenciado, de acordo com a sua necessidade e a do seu contexto informacional específico. Nesta fase, o curso operacionalizou o discurso da interdisciplinaridade.

A terceira fase, a partir de 1992, coincide com o início do Doutorado em Ciência da Informação, como estrutura independente dentro do Programa da ECO/UFRJ. O Doutorado modificou expectativas do corpo docente e discente em relação a todo o Programa de Pós-Graduação. Após quase um ano de reavaliação do Programa, o mestrado foi reduzido para 30 meses de duração, com menor número de créditos, sem perda de sua qualidade, flexibilidade e interdisciplinaridade.

O desenvolvimento do doutorado em ciência da informação teve o seu início em 1986, quando se abriu uma linha de pesquisa específica para a área, dentro do Doutorado em Comunicação da ECO/UFRJ. Esta linha, que já tituló cinco doutores, foi a semente facilitadora do doutorado independente, em 1992.

Hoje, com três linhas de pesquisa e 30 alunos vinculados ao curso, o Doutorado reflete um amadurecimento do grupo docente e do programa. Os 22 anos (1970/1992) de experiência na especialização e no mestrado permitiram uma sedimentação rápida do novo curso. Os projetos de pesquisa dos alunos, todos orienta-

dos por professores do curso, permitem vislumbrar uma reflexão teórica adequada, que indica estar havendo uma maior e melhor observação e contestação dos paradigmas dominantes da área.

## A ESPERANÇA

A Pós-Graduação em Ciência da Informação existe e muitos entendem sua importância em um mundo cada vez mais interdependente, onde a informação referencia o homem a sua aventura individual e sintoniza a sua consciência em um contexto de trocas globais.

Contudo, não são poucos os que acreditam que a informação ainda está colocada em uma ambiência medieval como no mosteiro de Umberto Eco. Para estes, o trato com a informação se resume na extravagante alegria de supor a existência de uma enorme biblioteca, cabendo aos seus guardiões unicamente o estudo da melhor disposição das estantes e a colorida arrumação dos livros. Não conseguem entender uma reflexão sobre estas práticas. Estes, porém, estão confundindo forma e conteúdo, estrutura e fluxo e informação e conhecimento. Ao que Borges<sup>2</sup> acrescenta:

*"Quando se anunciou que a biblioteca incluía todos os livros, a primeira impressão foi de extravagante alegria. Todos se sentiram donos de um tesouro secreto e intacto. Não havia problema pessoal ou universal para o qual não existisse uma solução eloquente - uma hexágono qualquer. O universo estava justificado, o universo expandia-se de súbito até a ilimitada dimensão da esperança..."*

Não compete a uma área de estudos justificar *continuamente* a sua necessidade e a sua existência. Este reconhecimento deve ser espontâneo e meritório.

Resta-nos, portanto, aguardar o final da "inquisição" com uma elegante esperança.

---

Aldo de Albuquerque Barreto  
Chefe do Departamento de Ensino  
e Pesquisa do IBICT

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ECO, Umberto, *O Nome da Rosa*, Nova Fronteira, 13ª Edição, Rio de Janeiro, 1983:pp-452.
2. BORGES, Jorge Luís - *A Biblioteca de Babel, em Labirintos*, New Directios, USA, 1962, citado em Bell, D. - *O Advento da Sociedade Industrial*, Cultrix, São Paulo, 1973.